

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ITINERÁRIOS E TRAMAS DA PARCERIA UNIPLI E ALFASOL COMO POLÍTICA DE INCLUSÃO

Antonio Carlos da Silva
(UNIPLI, ALFASOL, UNILASALLE)

O verdadeiro compromisso é a solidariedade, não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas”.

(FREIRE, 1983)

O processo de civilização, com toda a sua complexidade, implica em ampliar a participação social, estendendo a todos a possibilidade de inserção, de promoção e acesso a uma sociedade democrática que garanta a realização plena da cidadania.

No entanto, na sociedade brasileira encontramos indicadores de exclusão social que sinalizam a necessidade de oferta de políticas sociais, por parte do poder estatal e da sociedade civil, comprometidas com a afirmação da condição humana das amplas maiorias negadas pela precarização dos processos de privatizações historicamente adotados.

Apesar dos avanços alcançados no campo das diversas áreas do conhecimento e do quadro político- sócio-econômico, ainda, assim, convivemos com uma cartografia social que precisa ser reinventada com novos índices de desenvolvimento humano diante dos bolsões de misérias em que milhões de brasileiros estão inseridos. No Brasil, segundo dados de 2001, de uma legião de 28 milhões de jovens, 45% da população têm menos de 16 anos e 46% desses menores são indigentes, con-

figurando, assim, um grande bolsão de miséria contra 29% da população total¹.

A invenção da democracia em nossa sociedade requer estender para uma legião de sujeitos, identificados como *insignificantes, habitantes das margens e portadores de impossibilidades*, uma vida cidadã com novas formas de organização, de participação social e de gestão de um autêntico projeto individual a partir do acesso aos bens culturais, sociais e materiais produzidos.

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pelas rupturas das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que estão nos condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanentemente na história que fazemos e que nos faz e refaz (FREIRE, 1992).

A aproximação da leitura e da escrita constitui, no sonho pela humanização, uma das muitas amarras reais que precisamos desatar no processo de democratização.

A extensão do analfabetismo em nosso território é inibidora da elevação do índice de desenvolvimento humano quando presenciamos uma cartografia social com uma legião de sujeitos que, por não dominarem a leitura e a escrita, estão imobilizados para traçar novos itinerários promotores de elevação de qualidade de vida.

Nos grandes centros urbanos, onde as práticas sociais de leitura e escrita são mais requeridas, há um aglomerado de homens e mulheres, jovens e adultos que são interditados de acesso e apropriação de novas informações e do desenvolvimento de novas habilidades e competências, porque o estado brasileiro não garantiu o direito de realização de um projeto de escolarização em idade regular, estando, portando, exilados

¹ Indicação do economista Marcelo Néri. É fácil acabar com a miséria. Entrevista, Jornal do Brasil, 15 / 07 / 01.

diante das reais possibilidades de confirmação de uma vida cidadã e da aproximação com novas oportunidades.

ITINERÁRIO DO EXÍLIO, TRAMAS E DESAFIOS

O marinheiro João chamou seu colega Cartola e pediu: “Escreve pra mim uma linha, Que é pra Conceição.”

“Tu é analfa?” disse o amigo E sorriu com simpatia Mas logo depois amoitou Porque era analfa também. Mas chamou Chiquinho Que chamou Batista, Que chamou Geraldo, Que chamou Tião, que decidiu.

Tomou copo de coragem E foi pedir uma mãozinha Para o capitão, Que apesar de ranzinza, É um homem bem letrado, É homem de cultura E de fina educação.

E João encabulado, Hesitou em ir dizendo Abertamente assim O que ia Bem guardadinho No seu coração. Mas ditou... E o capitão, boa gente, Copiou com muito jeito, Num pedaço de papel: “Conceição...”

...No barraco Boa Vista Chegou carta verde Procurando Conceição.” A mulata riu E riu muito. Porque era a primeira vez. Mas logo amoitou.

Conceição não sabia ler. Chamou a vizinha Bastiana e pediu: “Quer dar uma olhada? Que estou sem óculos. Não enxergo bem”. Bastiana também sofria da vista. Mas chamou Lurdinha Que chamou Maria. Que chamou Marlene. Que chamou Iaiá. Estava todas sem óculos.

Mas Emília conhecia Uma tal de Benedita Que fazia seu serviço Em casa de família E tinha uma patroa Que enxergava muito bem. Mesmo a olho nu.

E não houve mais problemas. A patroa, boa gente, Além de fazer favor, Achou graça e tirou cópias Para mandar às amigas.

Leu pra Benedita, Que disse a Emília, Que disse a Iaiá, Que disse a Marlene, Que disse a Maria, Que disse a Lurdinha, Que disse a Bastiana, Que disse sorrindo A Conceição O que restou do amor, O que restou da saudade, O que restou da promessa, O que restou do segredo De João. (*A Bordo do Rui Barbosa*, Chico Buarque)

Embora possamos dizer que o século XX é o primeiro

em que uma parte significativa da humanidade pôde ter acesso ao que a cultura universalizou, ainda reunimos uma massa de sujeitos despossuídos de acesso e permanência à educação, convivendo, simultaneamente, com uma pluralidade de linguagens periféricas que, encarnadas nas sociedades letradas, constituem novas fronteiras de exclusão.

Sader (1999) defende que

uma sociedade democrática hoje é uma sociedade do trabalho, aquela em que todos vivam seu trabalho, tenham esse direito garantido e não explorem o trabalho alheio. Uma das condições de uma sociedade desse tipo é a educação universal (...) **o conhecimento nas mãos de todos incluindo a todos os que necessitam para se transformar em sujeitos de sua emancipação e viver uma vida em harmonia, em cooperação em solidariedade com os outros homens (...)** (Grifo meu) .

No entanto, historicamente, constatamos que o estado brasileiro tem sido impotente em garantir a todos a universalização da educação básica. Somos, a cada instante, tomados por denúncias da ausência de uma política efetiva que assegure ampliar o acesso à escolarização como um direito público e subjetivo.

Aonde quer que se vá neste território de *Vida Severina* (MELO NETO, 1997) há complexidade social e um quadro educacional que necessita de uma intervenção para assistir um aglomerado humano, distante do domínio da leitura e escrita, tão acelerada quanto à polifonia das tecnologias inteligentes e serviços disponibilizados nos contextos dos grandes centros urbanos e dos campos que também estão aproximados com a invenção de novas formas de organização e de produção do trabalho.

Esta configuração aponta uma trama complexa que exige a presença de políticas públicas efetivas e ações da sociedade civil organizada como atores cooperativos e solidários para com as transformações requeridas por uma cartografia que reúne uma massa exilada no que diz respeito ao acesso à educação, à invenção de novas oportunidades e à cidadania.

EDUCAÇÃO E TRABALHO

A aproximação da discussão educação e trabalho é sempre recorrente diante do dilema configurado com as novas formas de organização e produção da economia e empregabilidade.

No cenário mundial, convivemos com as inovações tecnológicas, com as mudanças na gestão da carreira e emprego, com as implicações para a geração de trabalho e renda como grandes preocupações da atualidade diante dos aglomerados humanos sem trabalho, em sociedades cada vez mais organizadas e com marcas de serviços sofisticados.

A geração de empregos, embora seja um empreendimento que reúne outros aspectos de ordem política, social e econômica, tem aproximado o debate escolarização e trabalho, sinalizando a exigência de ampliar a qualificação da força de trabalho frente às inovações tecnológicas e às implicações que requerem novas habilidades e competências como recursos empreendedores. Com a sofisticação do mundo do trabalho e as reduzidas oportunidades, há uma demanda por elevação de escolaridade dos trabalhadores, estendendo a todos, inicialmente, o domínio da leitura e da escrita como exigência elementar para inserção.

No elenco desta trama, nos deparamos com a necessidade de atender em nosso território, a uma demanda por escolarização de jovens e adultos que, por determinantes, históricos, políticos, sócias, econômicos e educacionais, vem convivendo em seu cotidiano com a exclusão decorrente da educação negada.

Assim, entre os muitos desafios a serem enfrentados neste itinerário de democratização social, destacamos, como educadores, o combate ao analfabetismo e à baixa escolaridade, alargados nas tramas de interdições por fronteiras instaladas em uma sociedade de classes.

A exclusão contemporânea é diferente das formas precedentes de segregação ou discriminação, uma vez que tende a criar, internacionalmente, indivíduos desnecessários à produção econômica. (PONTES, 1995)

Em uma sociedade letrada, com manifestações de uma pluralidade de linguagens, sabemos que não cabem mais apenas os apelos por desenvolver especialidades únicas e habilidades específicas, como as promessas e projetos educacionais formulados com o estatuto tecnicista da década de setenta. Atualmente, muitas e variadas habilidades são requeridas no processo de entender o mundo e de construir um território com uma nova cartografia democrática, com outros lugares para todos os outros sujeitos.

A formação de leitores e autores autônomos e definitivos é um exigência íntima e implicada para gerir a emancipação, a transformação e a aproximação para com uma nova qualidade social e cidadã.

Portanto, entre os muitos desafios, é urgente maximizar políticas de alfabetização, consolidando ações da iniciativa pública e privada solidárias para romper com a dívida social que o estado brasileiro tem uma legião de excluídos do acesso às práticas escolares e sociais de leitura e escrita.

O COTIDIANO DA PARCERIA UNIPLI / ALFASOL ITINERÁRIOS, TRAMAS E MEMÓRIA

A vocação solidária desta Instituição de Ensino Superior antecede à criação do Centro Universitário Plínio Leite, em 1998, remontando a própria fundação da unidade nos anos 70, com ações solidárias para a população menos favorecida, com a oferta de gratuidades e bolsas de estudos aos usuários da Instituição nos cursos de graduação e de especialização.

O UNIPLI realiza desde 1999 parceria com o Programa

Alfabetização Solidária, desenvolvendo ações de capacitação, de orientação e acompanhamento em classes de alfabetização de jovens e adultos nos municípios de Caaporã, Riachão do Poço, Riachão do Bacamarte, Sobrado, Santa Luzia e, mais recentemente, em Cacimbas, Cacimba de Areia, Patos e Itabaiana no estado da Paraíba através do Projeto Nordeste. No Rio de Janeiro, através do Projeto Grandes Centros Urbanos, estivemos inseridos nos municípios de Areal, Cachoeiras de Macacu, Magé, Niterói, Paty do Alferes, São Gonçalo e em Três Rios totalizando, nos últimos anos através da parceria, a gestão de 420 classes de alfabetização de jovens e adultos.

A aproximação e a vocação para com a temática Educação de Jovens e Adultos tem sido intensificada no UNIPLI com a composição e oferta desta disciplina nos cursos de licenciaturas em Pedagogia e Normal Superior, em cursos de extensão e na promoção de curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos, possibilitando aos cursistas consolidar aspectos teóricos e metodológicos no que diz respeito à gestão de uma educação inclusiva para aqueles que não frequentaram um projeto de escolarização em idade regular.

No interior desta IES a temática tem fomentado debates e estreitado vínculos com a inserção dos alunos de graduação em escolas de Educação de Jovens e Adultos, através da orientação de trabalho de campo realizado regularmente a cada semestre letivo, em escolas públicas e privadas, comunitárias, ONGs, movimentos afins e atividades de capacitação / formação continuada para regências de classes de jovens e adultos. Atualmente, além das sessenta e duas classes que oferecemos no Módulo XV em parceria com a ALFASOL em seis municípios do Estado da Paraíba, atendemos mais duas classes de alfabetização de jovens assistidas por alunos do curso de licenciatura em Normal Superior que, aproximados da temática, têm fomentado ações, reflexões e exercício de solidariedade e cooperação para com aqueles que não tiveram oportunidades

de frequentar a educação regular.

A cada amanhecer dos dias de sábados, reunimos em nossa instituição um grupo de alunos da licenciatura que, mobilizados com a questão do analfabetismo, são transportados ao campus da Faculdade de Veterinária para acolher, com esperança, dedicação, disponibilidade, afeto, vínculo e atividades, os jovens e adultos daquela região que progressivamente descobrem que podem e têm direito à leitura e à escrita.

A mobilização com a questão da Educação de Jovens e Adultos por parte do corpo docente e discente resulta em um acervo que reúne produções de trabalhos monográficos, iconográficos, relatórios, artigos em periódicos, realização de fóruns e comunicações, sessão de pôsteres e a participação em eventos científicos. Este movimento muito tem contribuído para consolidação de práticas educativas na alfabetização de jovens e adultos e no UNIPLI como instituição implicada nesta política educacional no contexto regional, possibilitando ao corpo docente estreitar vínculos com autoridades e gestores municipais de educação no que diz respeito à alfabetização de jovens e adultos.

Sendo assim, diante das vivências e vínculos estreitados em parceria com a ALFASOL desde 1999 por esta IES, dos movimentos de compromisso e de mobilização inaugurados para com a temática de Educação de Jovens e Adultos é que, enquanto formadora de professores para os segmentos do Ensino Fundamental, Médio e Superior, tem desafiado a cada etapa consolidar ações de alfabetização de jovens e adultos como um estatuto promotor da cidadania.

Deste modo, a partir das vivências, experiências e vínculos da IES com o ALFASOL, constituímos o Núcleo de Cidadania do Unipli.

NÚCLEO DE CIDADANIA DO UNIPLI E ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TECENDO NOVOS ITINERÁRIOS

O Núcleo de Cidadania do UNIPLI se justifica pelas políticas de solidariedade, oferta de ações extensionistas e comunitárias junto à população onde a IES está inserida e assiste a demanda por alfabetização. Deste modo, objetivando integração Universidade, Sociedade e Sujeitos, o Núcleo constituído propõe, entre outras ações de impacto junto à comunidade como ações para a Juventude, para a Terceira Idade, Fóruns de Cidadania e Seminários Temáticos Comunitários, desenvolver a alfabetização de jovens e adultos, concorrendo para atender à demanda por educação dos segmentos sociais menos favorecidos e que tiveram oportunidades de acesso em época regular.

A leitura e a escrita compreendidas como práticas sociais ultrapassam as expectativas do território escolar estando encarnada, no mundo atual, como um compromisso social, embora estejam reservadas à escola as atribuições inerentes à formação de leitores e autores definitivos.

No entanto, mesmo que as práticas escolares de leitura e escrita estejam implicadas na organização do currículo escolar oferecido, as atividades de ler e escrever são habilidades e competências requeridas cada vez mais em sociedades letradas com o amplo circuito da informação e do conhecimento. Logo, reside para além do universo escolar a exigência e o compromisso com a formação de sujeitos leitores e autores.

Aprender a ler, a escrever é antes de mais nada aprender a ler o mundo; compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da relação linguagem-realidade. O processo de alfabetização se realiza neste movimento dinâmico entre palavra e mundo: a palavra dita flui do mundo carregada de significação existencial: “palavramundo”- a mais perfeita tradução do acontecer humano.

(CARMEN LÚCIA VIDAL PEREZ)

O Núcleo de Cidadania do UNIPLI assume o compromisso com o processo de emancipação dos sujeitos e sua inserção no contexto de participação e de organização social. Objetiva, assim, ofertar em seu interior classes de alfabetização de jovens e adultos como ação promotora da cidadania daqueles sujeitos que não dominam a leitura e a escrita em uma época em que é preciso cotidianamente tecer novas habilidades, competências e oportunidades para gerir a invenção da sobrevivência em território onde precisamos ainda transpor muitas barreiras.

Concordamos com a idéia de que o processo de alfabetização não é secundário na atividade educativa. É um momento tecido em transformações psicológicas, sociais e políticas do sujeito. Através dele, o sujeito vai se politizando como ser social e ativo ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades, para aquisição e apropriação da cultura enquanto produção da humanidade.

Deste modo, o Núcleo de Cidadania como IES parceira da alfabetização de jovens e adultos disponibiliza salas ambientes, recursos audiovisuais, coordenador e professor orientador de alunos, futuros professores, para desenvolvimento de atividades de gestão do processo de alfabetização, divulgação, recrutamento e encaminhamento de educandos a classes mais avançadas de Educação de Jovens e Adultos promovidas pelo poder público na região.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Mendonça (2001), citando Anísio Teixeira, defende que não é qualquer educação que produz democracia, mas somente aquela que é planejada para tal.

Deste modo, a proposta de alfabetizar jovens e adultos a partir do Núcleo de Cidadania está assentada em uma concepção progressista de educação, vinculando formação e emanci-

pação, respeito à diversidade e autonomia do sujeito.

Desafiar os educandos com relação ao que lhe parece o Seu acerto é um dever da educadora ou educador progressista. Que educador seria eu se não me sentisse movido por forte impulso que me faz buscar, sem mentir, argumentos convincentes na defesa dos sonhos por que luto? Na defesa da razão de ser da esperança com que atuo como educador.

(FREIRE, 1992)

As ações do Núcleo de Cidadania para alfabetização apontam para:

- ☉ reconhecer que o conhecimento é construído socialmente e progressivamente através de atividades realizadas no contexto da sala de aula;
- ☉ superar a fragmentação do saber, enfatizando práticas interdisciplinares, construção integrada do saber;
- ☉ considerar o aluno como sujeito de sua aprendizagem, tendo as vivências do cotidiano como ponto de partida para a elaboração de novas aprendizagens, habilidades e competências;
- ☉ respeitar a diversidade cultural;
- ☉ organizar o trabalho docente em torno de atividades que oportunizem ao aluno se reconhecer no currículo, o prazer de conhecer e avançar na elaboração do conhecimento;
- ☉ estimular a autonomia, sua participação social, política e incentivo a situações cooperativas;
- ☉ orientar a aquisição do domínio de leitura e escrita;
- ☉ incentivar a continuidade dos estudos e encaminhar os alunos concluintes para ingresso em classes de Educação de Jovens e Adultos promovidas pelo sistema público de ensino;

orientar a retirada e a expedição de documentos.

Concluindo, a memória da Educação de Jovens e Adultos do Unipli são fios de uma tessitura do cotidiano da Alfabetização Solidária (Alfasol).

BIBLIOGRAFIA

FORRESTER, Viviane. *O Horror Econômico*. São Paulo: Unesp Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Auto de Natal Pernambucano. Serial e Antes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SADER, Emir. Saber, Poder, Viver. In LINHARES, Célia. *Políticas do Conhecimento*. Velhos contos, Novas contas. Rio de Janeiro: Intertexto, 1999.

SANTOS, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 10^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.